



Mulheres negras camponesas, ancestralidade e produção de alimentos saudáveis em assentamento rural no Distrito Federal

Peasant black women, ancestry and healthy food production in a rural settlement in the Federal District

PEREIRA, Jéssica Rodrigues¹; SARAIVA, Regina Coelly Fernandes²

¹Universidade de Brasília (UnB), rodriguesjessicapereira@hotmail.com; ²Universidade de Brasília (UnB) rcoelly@unb.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: Este estudo analisa e identifica a atuação das mulheres negras camponesas do assentamento Pequeno William, localizado em Planaltina (DF) no manejo da agrobiodiversidade em seus territórios. Trata-se de estudo realizado através da metodologia da história oral e dialógica com as mulheres negras assentadas. Na pesquisa problematiza-se a invisibilidade das questões de raça presentes nos estudos realizados no meio rural. Tal invisibilização aumenta quando nos aproximamos da intersecção dos eixos de gênero, raça e classe para análise das realidades das mulheres negras camponesas. A pesquisa aborda os elementos ancestralidade, memórias e agrobiodiversidade em uma perspectiva interseccional de forma a analisar com eficácia as especificidades existentes entre as mulheres negras camponesas no manejo da agrobiodiversidade. Aponta-se que a ancestralidade das mulheres negras contribui para a produção de alimentos como formas de resistência à promoção, produção e ao consumo de alimentos saudáveis.

Palavras-chave: interseccionalidade; mulheres negras rurais; memórias; oralidade; saberes ancestrais.

Introdução

O presente trabalho aborda reflexões da pesquisadora negra com laços no campo a partir de vivências com as mulheres negras camponesas do assentamento da reforma agrária Pequeno William, localizado em Planaltina (DF). Como parte da pesquisa de mestrado em desenvolvimento na Universidade de Brasília (UnB), a pesquisadora tem buscado identificar e analisar os desafios enfrentados pelas mulheres negras do assentamento rural Pequeno William (DF) no manejo da agrobiodiversidade em seus territórios na relação com suas ancestralidades.

Faz-se o recorte para o diálogo com as mulheres negras camponesas deste território que trazem consigo uma memória ancestral, quando observado no campo, a dinâmica de seus territórios. Elas assumiram o protagonismo na contribuição para a diversificação e manutenção da agrobiodiversidade, a partir dos seus sistemas agroecológicos desenvolvidos, mas ainda são desvalorizadas nos seus protagonismos e no histórico de produção de vida.



Nesta pesquisa problematiza-se a invisibilidade das questões de raça presentes nos estudos realizados no meio rural. Essa invisibilização aumenta quando nos aproximamos da intersecção dos eixos de gênero, raça e classe para análise das realidades das mulheres negras camponesas. Carneiro (2003) salienta que “as mulheres negras, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, apenas sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste caso”.

Segundo Motta (2020) a agroecologia abarca os saberes tradicionais e os valoriza, mas muitas vezes esses saberes não possuem cor, são apenas saberes. Portanto, busca-se nesta pesquisa trazer a perspectiva interseccional para analisar as múltiplas opressões, como de raça, gênero e classe vivenciadas por essas mulheres. Para isso, estão sendo utilizadas nesta pesquisa referências pautadas em diálogos com intelectuais negras a partir de contribuições do feminismo negro e estudos anticoloniais. A interseccionalidade nos direciona para a ampliação do olhar em relação às especificidades existentes entre as mulheres negras camponesas e de como essas mulheres veem suas ancestralidades em suas práticas de manejo da agrobiodiversidade vinculadas às suas identidades étnico-raciais. Para além de identificar e analisar estes desafios pretende-se refletir com as mulheres negras camponesas as narrativas sobre suas memórias, reconhecendo suas experiências com a agrobiodiversidade.

Metodologia

A pesquisa está sendo realizada no assentamento rural Pequeno William, localizado em Planaltina, Distrito Federal (DF). Esse assentamento é fruto da luta pela reforma agrária de trabalhadoras e trabalhadores rurais organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O Cerrado está presente na maior área do assentamento. Desde sua criação, as famílias têm como princípios as bases agroecológicas e orgânicas para a produção de alimentos. O assentamento foi oficializado em 2010, após aproximadamente 10 anos de resistência das famílias e atualmente possui 22 famílias assentadas.

Os procedimentos metodológicos adotados são a história oral e observação participante, orientando os diálogos em campo com as mulheres negras camponesas.

Saraiva (2013) salienta que a história oral é uma ciência que nos faz resgatar o passado para compreender o presente futuro, potencializando vozes que foram silenciadas e saberes historicamente invisibilizados. A observação participante consiste em uma pesquisa de proximidade, participativa, colaborativa, entre a pesquisadora e as mulheres negras camponesas em suas realidades, observando como as participantes representativas do estudo se comportam nos seus cotidianos (BECKER, 1993).

Para a realização desse estudo foram selecionadas três mulheres do território participantes da pesquisa. A escolha das mulheres negras camponesas para participação neste estudo se deu respeitando a representatividade dos núcleos comunitários, bem como a disponibilidade das mulheres para a realização e



participação nesta pesquisa. No momento não será utilizado o nome das mulheres neste trabalho, para preservar a identidade das interlocutoras.

Para os levantamentos de campo e registro da história oral está sendo utilizada técnicas de coleta de dados como entrevistas semiestruturadas que consistem em perguntas baseadas nas percepções das mulheres que tratam dos seguintes tópicos conversados com elas: suas histórias de vida, ancestralidade, percepções sobre a negritude, sobre seus territórios e suas atuações no manejo da agrobiodiversidade. Foi adotado também o caderno de campo permitindo que as observações sobre o assentamento, falas e memórias das assentadas sejam registradas com o consentimento delas.

Resultados e Discussão

Com base na pesquisa em andamento, foram identificadas nos sistemas produtivos das mulheres uma diversidade de plantas cultivadas por elas, com destaque para a presença das hortaliças tradicionais, como Ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*), Beldroega (*Portulaca oleracea*), Moringa (*Moringa oleifera*), Cará-moela (*Dioscorea bulbifera*), Araruta (*Maranta arundinacea*), Peixinho (*Stachys lanata*), Vinagreira (*Hibiscus sabdariffa*), Serralha (*Sonchus oleraceus*), entre outras. Para Oliveira et al (2020) as hortaliças tradicionais ou as plantas alimentícias não tradicionais (PANC) são plantas ancestrais que possuem várias formas de uso, conservadas e utilizadas pela agricultura familiar camponesa com alto potencial nutritivo. Além das hortaliças tradicionais, todas as mulheres possuem plantas medicinais e alimentícias em seus sistemas de produção.

Os cultivos das mulheres negras são realizados em sistemas agroflorestais (SAF) em áreas dentro do Cerrado como estratégia de conservação do bioma, quintais e roças em sistemas de consórcios, e policultivos, que pode ser considerado uma forma de desenvolvimento do manejo agroecológico. Segundo De Boef et al (2007), pode-se dizer que o manejo agroecológico dos agroecossistemas está interligado ao reconhecimento e valorização dos bens da natureza e dos saberes das populações rurais. Pensar a agrobiodiversidade nesse território da reforma agrária e pensar a atuação das mulheres negras que nele vivem. Seja nos quintais, na roça, no Cerrado, em SAF, o trabalho ancestral dessas mulheres é um eixo fundamental para estruturada manutenção da agrobiodiversidade. A seguir, apresenta-se imagens dos SAF e quintal de uma das mulheres.



Figura 1. Sistema agroflorestal dentro do Cerrado de uma das mulheres.



Figura 2. Sistema agroflorestal de uma das mulheres.



Figura 3. Quintal com ervas medicinais e alimentícias de uma das mulheres.

Essa diversidade de plantas reflete o protagonismo assumido pelas mulheres negras deste território na contribuição para a diversificação e manutenção da agrobiodiversidade a partir dos sistemas agroecológicos desenvolvidos, em sua maioria, cultivados e cuidados por elas. Favorecendo um elo entre a agroecologia e a ancestralidade em seus territórios da reforma agrária, desde uma forte ligação com a terra, articulando saberes sobre a agrobiodiversidade. Diante da realidade das mulheres dessa pesquisa, percebe-se que o acesso à terra, embora essencial, não supera outras desigualdades como a divisão racial e sexual de trabalho no meio rural, acesso às políticas públicas para produzirem em suas terras, entre outros direitos. Seus desafios no manejo da agrobiodiversidade percorrem a garantia de produção dos seus próprios alimentos, saúde, educação, deslocamento, insumos, etc.



Conclusões

Salienta-se que este trabalho ainda está em andamento e os resultados apresentados são iniciais. A pesquisa, para além de identificar e analisar a relação da agrobiodiversidade por mulheres negras e suas relações com a ancestralidade, propõe reconhecer suas experiências e os desafios no manejo da agrobiodiversidade em interface com as questões raciais e a questão agrária. Entre os resultados iniciais, foi possível identificar que a ancestralidade das mulheres negras do assentamento Pequeno William na produção de alimentos é uma das formas de resistência desde sua relação com o território de luta, até a produção e consumo de alimentos saudáveis como prática interseccional e contra hegemônica a partir dos territórios rurais no DF.

Agradecimentos

Agradeço às mulheres negras do assentamento Pequeno William (DF) pela oportunidade da troca, a partilha de saberes, os aprendizados e a escuta.

Referências bibliográficas

BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Trad. Marco Estevão Renato Aguiar. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

DE BOEF, W.S., THIJSSSEN, M.H., OGLIARI, J.B. e Sthapit, B.R. (orgs.). **Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário**. Porto Alegre: L&PM. p 47 .2007.

MOTTA, Vivian. Por uma agroecologia antirracista. **Cadernos de Agroecologia Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia** – Vol. 15, Nº 3, 2020.

OLIVEIRA, Juliana Andrade de; ELTETO, Yolanda Maulaz; ELTETO, Simone Maulaz; CARDOSO, Irene Maria; GUIMARÃES, Clara Soares de Freitas. O resgate das plantas da ancestralidade. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

SARAIVA, Regina C. Fernandes. História, memória e identidade. In: OLIVEIRA FILHO, João Batista; OLIVEIRA, Rejane Araújo de.; SARAIVA, Regina C. Fernandes; GOMES, Leônio Matos; OLIVEIRA, Luiza P. Araújo de. **Memórias de Gerações**. Brasília: Fundo Nacional de Cultura/MinC, 2013.